

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE EDUCAÇÃO, FILOSOFIA E TEOLOGIA**



“REFLEXÃO” E “AÇÃO” NA FILOSOFIA DE SIMONE WEIL

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Orientador: Professor Doutor Jorge Luis Gutiérrez

ELIANA CHAVES FREITAS BARBOSA

2018

ELIANA CHAVES FREITAS BARBOSA

“REFLEXÃO” E “AÇÃO” NA FILOSOFIA DE SIMONE WEIL

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Educação Filosofia e Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

ORIENTADOR: Professor Dr. Jorge Luis Gutiérrez

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MAZKENZIE
CENTRO DE EDUCAÇÃO, FILOSOFIA E TEOLOGIA
São Paulo
2018

CHAVES FREITAS BARBOSA, Eliana.

“Reflexão” e “Ação” na Filosofia de Simone Weil./ Eliana Chaves Freitas
Barbosa – 2018.

49 f.

Orientador: Jorge Luis Gutiérrez

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação/Licenciatura em Filosofia) – Centro
de Educação, Filosofia e Teologia, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo,
2018.

1. Filosofia. 2. Simone Weil. 3. Dicotomia. 4. Ação. 5. Reflexão.

Nome: Eliana Chaves Freitas Barbosa

Título: “Reflexão” e “Ação” na Filosofia de Simone Weil

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Educação, Filosofia e Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

Banca realizada em: _____

Resultado: _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. JORGE LUIS GUTIÉRREZ Instituição: Universidade Presbiteriana Mackenzie

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. CHRISTIAN B T DE MEDEIROS Instituição: Universidade Presbiteriana Mackenzie

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profª Ms. Ângela Zamora G Cilento Instituição: Universidade Presbiteriana Mackenzie

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Dedico este trabalho aos meus queridos filhos, fontes de amor incomensurável e de minha realização pessoal: Bruno (*in memoriam*), Nathalia e Leticia. Às minhas doces netas: Sofia e Bruna. E ao meu marido, Luiz Antonio, pelo apoio, incentivo e compreensão nos momentos difíceis. E, por fim, ao meu estimado orientador, Professor Dr. Jorge Luis Gutiérrez, pelos grandes ensinamentos, confiança e infindável amizade.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, e, depois, aos meus queridos familiares: marido, filhos, genros e netas, incentivos constante na livre marcha dos meus dias e, acima de tudo, pelo amor incondicional e inesgotável.

O meu especial agradecimento ao meu enteado Luiz Henrique, pelo apoio e disponibilidade na tradução para o inglês do “Abstract”.

Aos meus colegas da Licenciatura em Filosofia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, que durante todo o curso foram para mim, cada qual à sua maneira, luz, incentivo, companheirismo e amizade e, de agora em diante, serão sempre saudade.

A todos os professores do Curso de Filosofia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, que contribuíram para a minha formação, essencialmente os queridíssimos: Prof^o. Dr. Christian B. T. de Medeiros, Prof^a Ms^a Ângela Zamora Cilento, Prof^o. Dr. Marcelo Martins Bueno, Prof^o. Dr. Orlando Bruno Linhares, Prof^o. Dr. Paulo Roberto de Monteiro Araújo, Prof^o. Dr. Roger Fernandes Campato, Prof^a. Dra. Maria Carolina de Azevedo, por todos os ensinamentos, apoio, capacitação e a formação adquirida.

Minha especial e eterna gratidão ao meu grande mestre Dr. Jorge Luis Gutierrez, que além de ter sido meu professor de filosofia antiga e medieval, foi também para mim, desde o início, uma grande fonte de inspiração. Obrigada por me apresentar Simone Weil, essa filósofa de atos grandiosos e vontade inquebrantável. Sinto-me honrada por ser sua orientanda nessa jornada. Obrigada por tudo, devo-lhe muito, para sempre.

RESUMO

CHAVES FREITAS BARBOSA, Eliana. **“Reflexão” e “Ação” na Filosofia de Simone Weil**. 49f. Tese de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) – Centro de Educação, Filosofia e Teologia, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018.

O objeto deste trabalho é trazer luz aos aspectos relevantes da vida e obra de Simone Weil, filósofa judia relativamente ainda pouco conhecida e estudada no meio acadêmico brasileiro. Diferenciada de muitos filósofos por sua disposição à agir, sua vida e obra foram construídas por meio da vivência e análise empírica das condições dos fenômenos que observava, resultando daí reflexões e conclusões sustentadas não apenas na abstração do pensamento, mas, sobretudo, em sua experiência pessoal.

No Capítulo I, busca-se apresentar a trajetória de vida de Simone Weil, desde a mais tenra idade, passando pela adolescência e mocidade, e sua habilitação como docente de filosofia que se enveredou por meio das vivências e lutas dos menos favorecidos, que agiu dentro e fora das salas de aula e dos gabinetes dos grandes pensadores.

No Capítulo II, será apresentado o itinerário percorrido por essa notável professora judia que se converteu ao cristianismo, suas experiências místicas, analisando suas ações de constante atenção para com os problemas humanos. Tecer-se-á algumas considerações sobre a condição operária, suas lutas e envolvimento direto com as mazelas da classe operária e sua participação na Guerra Civil Espanhola.

Por fim, o capítulo III buscará demonstrar a “não-dicotomia” filosófica entre reflexão e ação durante o seu exílio em Marselha, sua vida campista e, principalmente, a fecunda amizade com o padre dominicano Perrin, resultando dessa fase fértil muitos textos filosóficos. Será mostrada também sua temporada nos Estados Unidos da América e na Inglaterra, período este de muita reflexão e ação, de atenção ao mundo e de uma vontade inquebrantável.

Não se pretende esgotar, de forma alguma, todos os aspectos que poderiam ser abordados na relação entre o binômio “Reflexão” e “Ação” em Simone Weil. O objetivo proposto se limita a tratar da *não-dicotomia* em especial, na formação específica dessa pensadora que canalizou seus esforços físicos na ação, traços que caracterizam e distinguem sua obra.

Palavras-chave: Reflexão; Ação; Dicotomia; Ensino de filosofia.

ABSTRACT

CHAVES FREITAS BARBOSA, Eliana. **“Reflexion” and “Action” to Simone Weil**. 49p. Undergraduate Thesis – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018.

The objective of this work is to bring to light relevant aspects of the life and works of Simone Weil, this intriguing and fascinating Jewish philosopher who is so inconspicuous among us. Differently from other philosophers, she set out to act, determined to live and analyze first hand the phenomena she observed, which resulted in reflections and conclusions that were based not only on abstract thoughts, but mostly on personal experiences.

In Chapter I, the life journey of Simone Weil is presented, from her early ages, through adolescence and youth, as well as her license as a philosophy professor who fought for the under privileged and acted inside and out side of classrooms and chambers of the great thinkers.

In Chapter II, we will discuss trajectory of this notorious Jewish professor, who converted to Christianity, her mystical experiences, analyzing her actions of constant regard for the human problems. Also, considerations are made about the conditions of blue collar workers-- her fights and involvement with their struggles and her participation in the Spanish Civil War.

Finally, Chapter III aims demonstrates the philosophical "non-dichotomy" between reflection and action through her exile in Marseille, her country life and mainly her friendship with the Dominican priest Parrin, which resulted in a very fertile phase of production of philosophical texts. We will also present her stay in the United States of America and in England, a period of much reflection and action, attention to the world and relentless will power.

We do not intend to exhaust in any way all aspects that could be discussed in the "Reflection" and "Action" binomial of Simone Weil. The proposed objective is limited to dealing specifically with the non-dichotomy, in the shaping of this thinker who channeled her physical efforts into action, a trait that distinguishes and characterizes her work.

Keywords: Reflection; Action; Attention; Dichotomy; Philosophy teaching

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. CAPÍTULO I - TRAJETÓRIA DE VIDA.....	13
1.1 INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA.....	13
1.2 MOCIDADE.....	15
1.3 A PROFISSÃO DE DOCENTE.....	18
2. CAPÍTULO II - A CONDIÇÃO OPERÁRIA.....	23
2.1 PRIMEIRA EXPERIÊNCIA MÍSTICA.....	27
2.2 GUERRA CIVIL ESPANHOLA.....	28
2.3 SEGUNDA EXPERIÊNCIA MÍSTICA.....	29
2.4 TERCEIRA EXPERIÊNCIA MÍSTICA.....	30
3. CAPÍTULO III - O EXÍLIO EM MARSELHA.....	32
3.1 A VIDA CAMPISTA.....	32
3.2 A AMIZADE COM PADRE PERRIN E SUA RECUSA AO SACRAMENTO DO BATISMO.....	33
3.3 A FAMÍLIA WEIL EMBARCA PARA NOVA YORK.....	35
3.4 CHEGADA À INGLATERRA.....	35
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44
ANEXOS.....	46

INTRODUÇÃO

“Pensar é fácil, agir é difícil, e colocar os pensamentos em ação é a coisa mais difícil desse mundo”. - Goethe

Entre os pensadores do século XX encontra-se a filósofa francesa Simone Weil (1909-1943), formada em filosofia pela conceituada Universidade Sorbonne de Paris e a primeira mulher catedrática da França, tornando-se professora e uma militante pacifista, que vivenciou de maneira ativa as condições agudas de exploração humana. Como resultado desta vivência, adquiriu experiências fundamentais para que pudesse escrever, com propriedade, sobre as lutas dos trabalhadores e da escravidão fabril.

Deveras, Simone Weil lutou na Guerra Civil Espanhola (1936-1939), participou ativamente da Resistência Francesa em Londres durante a Segunda Guerra Mundial, e trabalhou por mais de um ano como operária no chão da fábrica da *Renault*, com o único intuito de conhecer de perto e poder sentir na pele as fadigas e dores da classe operária. Sua vida inteira foi de reflexão, ação e constante desprendimento do “eu”.

Além da França, seu país de origem, Simone Weil é muito respeitada e prestigiada na Itália e talvez seja também a pensadora mais estudada no Japão. Infelizmente no Brasil ainda é pouco conhecida. Suas obras completas somam um total de dezenove volumes, que vêm sendo reunidos e publicados paulatinamente. Em 1943, depois de sua morte precoce, seu confessor e amigo, o religioso dominicano Padre Perrin, se encarregou de compilar os seus textos e publicá-los, principalmente aqueles escritos durante o fértil período campista em que estiveram mais próximos. Também foram feitas compilações por sua mãe e, principalmente, por sua biógrafa, a francesa Simone Pétrement, autora da obra *La vie de Simone Weil*¹, 1973.

Outro exemplo da influência direta de sua filosofia é sua ex-aluna no Liceu de Roanne, Anne Reynaud. Em 1951, ou seja, oito anos depois do falecimento de Simone Weil, Reynaud passou vários meses trabalhando em seu caderno de anotações diárias feitas durante as aulas de filosofia ministradas pela ilustre professora, as quais foram transformadas posteriormente em livro, mostrando-nos os vínculos entre discípula e mestra. Livro este

¹ “A vida de Simone Weil”, tradução livre.

prefaciado pelo filósofo e escritor Jean Guitton, membro da Academia Francesa, em que sabiamente escreveu: “o ensino é uma obra comum do mestre e do aluno. E ninguém sabe quem é o iniciador”², ressaltando, com a delicadeza de um poeta, a grande influência que os ensinamentos de Simone Weil tiveram também sobre seus discípulos.

Interessante notar que as obras e a vida de Simone Weil foram fonte de inspiração e influência para diversos outros pensadores, de seu tempo e além. É exemplo marcante disso o filósofo Albert Camus (1913-1960), que também editou e prefaciou várias obras de Simone Weil. ganhador do Prêmio Nobel de Literatura no ano 1957 pelo conjunto de sua obra, em especial pelo seu “*Ensaio filosófico sobre o absurdo da condição humana: O mito de Sísphy*”³, Albert Camus é um belo exemplo da influência da filosofia weiliana.

Foi com base em suas obras e nas obras que nelas se inspiraram que o presente trabalho foi desenvolvido, através da utilização do método de revisão bibliográfica para a coleta dos dados, o que possibilitou tecer considerações e conclusões pertinentes, a serem oportunamente apresentadas.

A proposta de análise da “reflexão” e da “ação” na filosofia de Simone Weil – título do presente trabalho – obriga, antes mesmo de lançar mão de qualquer reflexão posterior, a traçar algumas considerações iniciais sobre as capacidades humanas expressas pelas locuções *reflexão* e *ação*, portadores de uma dicotomia que, entre os gregos, expressava-se por meio da relação entre *práxis* e *theoria*.

Para melhor ilustrar e esclarecer essa dicotomia, lança-se mão de uma famosa alegoria do filósofo pré-socrático Pitágoras (século V a.C.), que afirma que “*imerso em um teatro, ou se participa dos jogos [ação], ou se observam os jogos [reflexão]*”. Esta afirmação pitagórica, revela nitidamente que, para ele, ação e reflexão são mutuamente excludentes, pois, quando se age, o nosso corpo se envolve na necessidade da ação, canalizando todos os seus esforços físicos naquele ato e, dessa forma, o raciocínio ficaria comprometido pela ação.⁴

Assumindo como verdadeira a afirmação de Pitágoras – de que a percepção do todo fica comprometida para aquele que se entrega e que canaliza os seus esforços na ação - então o filósofo deveria se limitar estritamente ao campo da reflexão abstrata, abstendo-se de

² WEIL, Simone, 1909-1943; Aulas de Filosofia/tradução Marina Appenzeller. – Campinas, SP: Papyrus, 1991.

³ “*Essai philosophique sur l’absurdité de la condition humaine : Le mythe de Sísphy*”.

⁴ BITTAR, E. C. Bianca. *Curso de Filosofia do Direito* / Eduardo C. B. Bittar, Guilherme Assis de Almeida. – 10ª ed. – São Paulo: Atlas, 2012, pp. 4-6.

realizar qualquer tipo de interação com o objeto do seu estudo. Pois, somente assim é que poderia, sem nenhuma forma de comprometimento ou limitação, direcionar todos os seus esforços na elaboração de uma *teoria* coerente de entendimento, explicando e identificando de maneira satisfatória as causas dos fenômenos investigados – papel este que é reservado à filosofia.

Assim sendo, se aceitarmos como verdadeira esta hipótese de Pitágoras, então Simone Weil deveria ser considerada como uma filósofa cujo raciocínio ficou comprometido pelas suas ações e, por uma consequência lógica, o resultado desse seu raciocínio – ou seja, o seu legado filosófico – estaria também comprometido.

E é justamente este o cerne dos questionamentos com os quais se depara e os quais se pretende responder ao longo do presente trabalho, através da análise concreta da vida e da obra de Simone Weil. Ora, será que tomar parte nos procedimentos da ação comprometeria de fato o reflexo e a percepção em todos os quadrantes do olhar daquele que age? Em outras palavras, é possível aceitar como verdadeira a tese de Pitágoras no sentido de que ação e reflexão excluem-se mutuamente? E mais: será possível aceitar como totalmente verdadeiros e, sobretudo, completos, os conceitos desenvolvidos por um pensador que constrói o seu saber tão somente através do estudo e contemplação abstrata, fruto apenas de sua reflexão e, conseqüentemente, com um distanciamento prático do objeto estudado? No limite, a questão que se coloca é de saber se um filósofo que não vive apartado da ação - mas, ao contrário, que utiliza e pratica suas teorias - não seria mais apto a analisar seu objeto de maneira completa, justamente por ter a vivência adquirida através da própria experiência?

Para responder a estes questionamentos, parte-se da hipótese diametralmente oposta à de Pitágoras, ou seja, não somente ação e reflexão não se excluíram mutuamente em Simone Weil como, na realidade, a relação simbiótica travada entre ambas foi fundamental para que pudessem ser exercidas em completude pela filósofa.

Nesse sentido, de início será mostrado como se deu a sua completa imersão entre os trabalhadores mais humildes e a proximidade cada vez mais solidária com a classe operária da fábrica da *Renault*, com os mais necessitados e menos letrados da sociedade europeia, notadamente no que se refere aos tempos da França ocupada durante a Segunda Guerra Mundial. Acrescenta-se ainda como o contexto religioso e sociológico em que estava inserida, aliados, como não poderia deixar de ser, às suas virtudes pessoais, que Simone Weil revela-se como uma pensadora emblemática e “*sui generis*”, cuja obra e vida refletem muito mais do

que apenas uma pequena dose de compaixão e fez florescer uma obra profunda e rica.

Uma vez apresentado evidências de que Simone Weil foi uma pensadora que uniu sua reflexão teórica à ação prática, buscar-se-á entender como essa experiência contribuiu para a autenticidade de sua filosofia. Mais ainda, é possível falsear a hipótese pitagórica enquanto método único para a pesquisa filosófica uma vez que a relação entre ação e reflexão se mostrou valiosa nos trabalhos de Simone Weil, sem perder o rigor e a originalidade.

Vale ressaltar que este estudo não busca proferir qualquer juízo de valor referente à qualidade ou à legitimidade de outros pensadores que não necessariamente uniram o agir ao pensar. Em outras palavras, procura-se apresentar, objetivamente, a maneira que a filósofa Simone Weil encontrou para unir pensamento e ação e de que modo essa abordagem é também um legado, assim como toda sua obra.

CAPÍTULO I - TRAJETÓRIA DE VIDA

1.1 INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

No início do século XX, pouco antes do início da Primeira Guerra Mundial, mas ainda em uma fase de prosperidade e de grande desenvolvimento industrial na Europa – durante a chamada “Belle Époque” - nasceu em Paris, a 03 de fevereiro de 1909, a grande pensadora Simone Adolphine Weil. Segunda filha de Selma, uma dona de casa de origem russa e de Bernard Weil, um conceituado médico judeu de origem alsaciana e irmã de André, três anos mais velho que ela. Os Weil eram totalmente agnósticos, pois consideravam os fenômenos incomuns, aqueles que ocorrem sem a intervenção humana, inacessíveis à compreensão e, embora fossem de origem judaica, não eram judeus praticantes. O irmão mais velho era para a caçula Simone uma grande inspiração, foi ele o seu primeiro incentivo para conhecer ainda na mais tenra idade as letras, as artes e as ciências. André já lia Platão em grego desde os doze anos de idade e aos dezesseis entrou para a Escola Normal Superior, com invejável mérito por possuir altíssimo pendor para as matemáticas. Ele era um gênio e se destacou desde muito cedo, pois ia muito além do que a escola podia lhe ensinar. Alguns anos mais tarde ele se tornou um dos mais importantes matemáticos do século XX. Sem dúvida alguma, um brilhante matemático⁵.

Tratava-se, portanto, de uma família abastada, bem estruturada e erudita, com hábitos culturais elevados, composta por pessoas corteses e refinadas. A pequena Simone absorvia diariamente essa herança cultural da casa dos Weil.

Simone era precoce. Desde a primeira infância já observa atentamente as falas e atitudes dos adultos e com eles dialogava sem cerimônia, argumentando com assustadora desenvoltura. Possuía um olhar vigilante a tudo que a rodeava. De personalidade forte, era corajosa e decidida, e de uma seriedade rara para uma menina de sua idade.

Com apenas cinco anos Simone conseguiu memorizar muitas passagens do dramaturgo e poeta trágico francês Jean Baptiste Racine (1639-1699) e aos seis já recitava Pierre Corneille, outro grande dramaturgo clássico da França. Por volta dos sete anos simplesmente decidiu que queria abolir definitivamente o uso de sapatos e assim o fez, sem

⁵ Nesse sentido, ver: BOSI, Ecléa. *Simone Weil – A Razão dos Vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1982, pp. 7-18.

se importar com o desespero materno e muito menos com os olhares de reprovação dos transeuntes que percebiam estupefatos seus pés arroxeados no frio europeu congelante⁶.

A menina de impressionante nobreza foi crescendo cercada pelo amor e carinho dos amigos e da família. Ainda bem menina deixou a todos boquiabertos ao ganhar um anel de presente e responder: *O luxo não me agrada!* Certa noite, depois do jantar, enquanto os familiares estavam reunidos conversando, seu tio-avô lhes contava como eram simples os nobres na Itália. Dizia ele: “Imaginem que um marquês, durante uma recepção que presenciei, conversava intimamente com sua velha ama tratando-a por Tu”. Ao ouvir essa edificante história, Simone vira-se para ele e pergunta: - *E a velha ama, ela também tratava por Tu o Marquês?*⁷

Para termos uma ideia da personalidade de Simone, durante a primeira guerra mundial ela apadrinhou um soldado francês que estava no front e, em solidariedade a ele e aos demais soldados que lá se encontravam, decidiu abrir mão das guloseimas infantis, renunciando-se veementemente a comê-los. Ela fazia pequenos trabalhos domésticos para receber de seus pais algum dinheiro e os guardava juntamente com o açúcar e os doces que deixava de comer para enviar a seu “afilhado de guerra”.

A família gostava muito da natureza e juntos faziam longos passeios de bicicleta ou a pé. A casa dos Weil exalava amizade, alegria e cultura, por isso tornou-se um ponto de referência e encontro para os amigos dos filhos e também para os amigos do casal. Quando estava com apenas onze anos, a menina de impressionante altruísmo foi capaz de driblar os olhares vigilantes da governanta e desaparecer de sua casa, sendo encontrada somente algumas horas mais tarde, seguindo calmamente uma manifestação de grevistas.

Assim como seu irmão André, Simone também inicia a sua aprendizagem do piano e da língua grega aos doze anos de idade. Mas ela se sentia medíocre ao se comparar com ele, o que na realidade não procedia. É fato que André na área da matemática era um gênio, mas Simone era uma adolescente também brilhante, uma jovem em incessante busca do saber. A comparação com seu irmão lhe rendeu uma fase de pensamentos depressivos que quase a levaram ao suicídio, pois ela se sentia muito aquém dele e algum tempo depois confessa:

⁶ Nesse sentido, ver: BOSI, Ecléa. *Simone Weil – A Razão dos Vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1982, pp. 7-18.

⁷ BOSI, Ecléa. *Simone Weil – A Razão dos Vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p.9.

“Eu lamentei, não a falta de sucessos exteriores, mas não poder esperar nenhum acesso a esse reino transcendente onde habita a verdade. Após meses de trevas interiores tive de repente e para sempre a certeza de que qualquer ser humano, mesmo se suas faculdades naturais forem quase nulas, penetrará nesse reino da verdade reservado ao gênio, somente porque ele deseja a verdade e faz perpetuamente um esforço de atenção para atingi-la”⁸.

Durante a primeira guerra mundial os estudos de Simone foram interrompidos por várias vezes, mas ainda assim obteve aos quinze anos, com muita distinção e louvor, o seu bacharelado em letras. Ao final do curso, das vinte questões que lhe foram feitas pela banca examinadora composta por especialistas em literatura da Idade Média, ela acertou dezenove.⁹

1.2 MOCIDADE

Em 1928 Simone entrou para a Universidade de Paris, obtendo o primeiro lugar na classificação geral para essa prestigiosa escola. Ela era realmente espetacular e conhecia a fundo ciência e literatura. Enquanto seu irmão André opta pelos números, pela exatidão das matemáticas, Simone é influenciada pelo jornalista e filósofo francês, Émile Auguste Chartier (1868-1951), seu adorável mestre, cujo pseudônimo literário era Alain, e opta pela Filosofia como área e ingressa na Sorbonne, onde poderia assistir às aulas desse espetacular filósofo pacifista, que possuía uma noção da filosofia muito avançada para a sua época. A filosofia para ele era a contemplação dos mitos, das narrativas e dizia que era a partir daí que brotava a reflexão. Entre tantos outros, Alain teve também como discípulos Merleau-Ponty (1908-1961), Jean-Paul Sartre (1905-1980) e Maurice Schumann (1911-1998). Além desses, Simone Weil é também contemporânea de outra Simone: a de Beauvoir (1908-1986). Ela conviveu com essa famosa geração de filósofos franceses do início do século XX. Simone não foi só a primeira mulher catedrática da França ao se formar em Filosofia em 1931 pela conceituadíssima Sorbonne, como foi também a discípula predileta do filósofo Alain, que previu o seu futuro:

“Espero dela um brilhante êxito... uma rara potência de espírito... Realizar-se-á brilhantemente se não se engajar em caminhos obscuros. Mas em

⁸ BOSI, Ecléa. *Simone Weil – A Razão dos Vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1982, *apud* WEIL, Simone. *Atteinte de Dieu*. Paris: La Colombe, 1950, p. 72.

⁹ WIEL, Simone. *Espera de Deus*. São Paulo: ECE, 1987, p. 9.

todos os casos será notável.”¹⁰

Já o filósofo, escritor e romancista Albert Camus (1913-1960), admirava muito Simone. Quando ela se encontrava nos Estados Unidos da América escreveu uma nova série de diários que foi posteriormente publicada por ele como “*Cahiers d’Amérique*” (Diários da América). E Camus afirmava que Simone Weil era “o único grande espírito do nosso tempo”.

Da famosa filósofa existencialista e feminista Simone de Beauvoir ela foi apenas colega e não chegaram a constituir uma amizade. E Beauvoir a descreve dessa maneira:

“Ela me intrigava por causa de sua grande reputação de inteligência e seu modo extravagante de vestir-se: perambulava no pátio da Sorbonne escoltada por um bando de antigos alunos de Alain; trazia sempre no bolso de seu blusão um número de *Libres Propos* e, no outro, um número de *L’Humanité*. Uma grande fome acabara de devastar a China e me haviam contado que ao ouvir essa notícia ela tinha soluçado; essas lágrimas forçaram meu respeito por ela ainda mais que seus dons filosóficos. Eu admirei um coração capaz de bater através do universo inteiro. Não sei mais como a conversa aconteceu; ela declarou com um tom cortante que uma só coisa contava hoje sobre a terra: a revolução que daria de comer a todo mundo. Eu retruquei, de maneira não menos peremptória, que o problema não era fazer a felicidade dos homens, mas encontrar um sentido para sua existência. Ela me cortou: “*Bem se vê que você jamais teve fome*”.¹¹

Simone Weil nos mostra aqui a sua compaixão verdadeira pelos que sofrem nas guerras, nos campos, nas fábricas, nos fronts, independentemente de serem seus compatriotas ou não. Ela nos revela o seu olhar sério e atento na direção dos que suportam o fardo e as agruras do sobreviver. Essa marca de humanidade, de solidariedade e essa maneira de pensar o mundo como ela pensava, é que fez um homem da estatura de Camus querer se recolher nos seus aposentos para meditar e se inspirar, é que faz de Simone Weil uma pessoa diferenciada e importante na história da humanidade.

Beauvoir admirava em demasia Simone Weil não só por sua inteligência brilhante, mas, essencialmente, pelo coração grandioso que possuía. E é a própria Simone de Beauvoir

¹⁰ BOSI, Ecléa. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão* - Simone Weil; tradução de Therezinha G. G. Langlada; seleção e apresentação de Ecléa Bosi. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p.17.

¹¹ BOSI, Ecléa. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão* - Simone Weil; tradução de Therezinha G. G. Langlada; seleção e apresentação de Ecléa Bosi. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p.8.

que nos conta como finalizou essa constrangedora e inesquecível relação entre ambas.

“Nossas relações pararam aí. Eu compreendi que ela me havia catalogado como “uma pequena burguesa espiritualista”, e isso me irritou profundamente. Eu me acreditava alforriada de minha classe”.¹²

Outra Simone, que posteriormente foi sua biógrafa, de sobrenome Pétrement, também nos chama a atenção para a ardente e constante “atenção” de Simone Weil. Ela a descreve assim:

“Eu a revejo um pouco curvada sobre seu papel, de dedos frequentemente sujos de tinta escrevendo muito lenta e penosamente, mas sempre pronta a voltar a cabeça, atenta a tudo, observando ardentemente através de seus óculos.”¹³

Simone Weil era muito exigente consigo mesma, mas muito generosa e compassiva para com o próximo. Estava sempre atenta e incansavelmente pronta para se solidarizar com qualquer pessoa que dela precisasse. Enquanto concatenava seus pensamentos e anotava as aulas de seu mestre Alain, era o momento que conseguia esquecer-se de si mesma. Cito aqui as palavras de Ecléa Bosi, no livro “*A Razão dos Vencidos*”:

“Distraída, ela podia guardar sem perceber o tinteiro no bolso e aparecer com grandes manchas no vestido. [...] Suas roupas iam se parecendo cada vez mais com as de um pobre andarilho ou monge. Os gestos inábeis, o esforço incomum para escrever, fazem com que os colegas se sintam a princípio tentados a caçar dela. Aos poucos, seu próprio desajeitamento poderia aparecer como sinal de um ser superior que se movia com dificuldade no meio dos homens.”¹⁴

A sua própria índole e o exemplo do filósofo Alain, fez de Simone Weil e de seus colegas ferrenhos pacifistas. Ainda durante a graduação de filosofia ela escreveu vários artigos e cartas sempre a favor dos oprimidos e trabalhadores, recomendando que se “*apoiassem em grupos de profissionais unidos pelo trabalho e não por mera afinidade de opiniões como se costumava fazer*”.

¹² BEAUVOIR *apud* BINGEMER, 2007, p. 117.

¹³ BOSI, Ecléa. *Simone Weil – A Razão dos Vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 9 *apud* PÉTREMENT, Simone. *La vie de Simone Weil*, Paris: Fayard, 1973, p. 106.

¹⁴ BOSI, Ecléa. *Simone Weil – A Razão dos Vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 13.

Na época da graduação Simone desenvolve muito o seu lado de militante de esquerda com vínculos com o partido comunista. Lidera e participa com afinco das lutas e movimentos sindicais e das passeatas e assina também manifesto. E assim ela se dá conta do hiato que existe entre reflexão e ação, conceito aprendido com o filósofo Alain.

Nessa fase começa a colaborar com a Revista “Revolução Proletária”, onde possuía vários conhecidos e amigos, expressando suas ideias e pensamento acerca das condições daqueles trabalhadores.¹⁵

1.3 A PROFISSÃO DE DOCENTE

Depois que terminou a graduação Simone não deu prosseguimento aos estudos, mas tornou-se licenciada para ser professora de filosofia do ensino médio. Após prestar concurso público para o magistério foi nomeada para exercer sua profissão no Liceu de Roanne, na cidade industrial de Puy, em uma escola para mulheres. Visivelmente ansiosa na noite que antecedeu o primeiro dia de aula, tentou se vestir de maneira mais requintada, experimentando casacos finos e até alguns chapéus para entrar na sala de aula, mas nada daquilo combinava com aquela professora simples, empenhada apenas em transmitir às suas alunas os seus conhecimentos. Por sua simplicidade e exagerado despojamento na maneira de se vestir, a princípio não foi totalmente entendida e aceita, chegando mesmo a ser motivo de disfarçados sorrisinhos e olhares de soslaio. Aos poucos Simone foi se familiarizando com o ambiente escolar onde todos os dias tomava consciência de seus próprios pensamentos, e estes eram tão límpidos que faiscavam de tanta claridade. Ela os resumia e os transmitia às suas jovens alunas ávidas de conhecimento. Simone Weil foi professora por três anos no liceu de moças de Roanne, de 1931 a 1934. Nas palavras de sua aluna Anne Reynaud, na introdução de seu livro *Aulas de Filosofia* podemos perceber a empatia e amizade nascidas desse convívio:

“Ela foi minha professora em 1933-1934 no liceu de moças de Roanne. Com poucas alunas, nossa classe tinha um caráter bem familiar: afastada dos grandes edifícios do liceu, num pequeno pavilhão quase perdido no fundo do parque, iniciamo-nos nas grandes ideias, numa atmosfera de perfeita independência. Quando o tempo permitia, nossas aulas aconteciam sob o belo cedro que sombreava nossa classe. Às vezes elas transformavam-se em

¹⁵ WIEL, Simone. *Espera de Deus*. São Paulo: ECE, 1987, p. 10.

pesquisa de um problema de geometria ou em conversas amigáveis”.¹⁶

Ainda segundo Anne Reynaud, sua ex-aluna lá no liceu, a professora Simone e suas alunas viviam em um clima familiar de muita cumplicidade e grande camaradagem. E a cada dia que passava, aquela singular docente se vestia de maneira mais simples, totalmente despojada dos enfeites e artefatos femininos. As alunas a protegiam quando a diretora chegava inesperadamente para espioná-la ou para buscar notas ou para qualquer outra coisa. A autora do livro “*Aulas de Filosofia*”, diz:

“A cristã (de alma mais do que de batismo) que morria em um hospital de Londres em 1943 por não querer “mais que sua razão” era de fato a que eu conhecera compartilhando sua alimentação de 1933 com os operários das fábricas de Roanne”. [...] Mais: a humilde operária anônima da Renault (ou a moça de fazenda da Provença) era justamente a filósofa tão plena, como diziam, do orgulho intelectual de uma discípula de Alain; essa filósofa já sabia então que “o orgulho pode ser usado para a humildade”.¹⁷

Nessa passagem a ex-aluna de Simone Weil nos fala da filósofa plena que compartilhava a sua comida com os operários das fábricas de Roanne, que anonimamente desceu do seu pedestal intelectual para fazer-se de camponesa e humilde operária, para servir e se compadecer. Nessa mesma época Simone participa intensamente das lutas sindicalistas, onde trava conhecimento com o casal militante Thévenon. O sonho dela era criar a base de uma universidade operária e, para tanto, já começa a organizar juntamente com Thévenon um curso para os mineiros de Saint-Etienne, distante de Puy aproximadamente uns 250 km. Quando o curso iniciou Simone se deslocava para lá de trem, carregando consigo muitos livros de francês, filosofia e economia política. Iniciou o curso com apenas dez alunos, mas ela estava feliz e completamente motivada.

“Pensando que os intelectuais nessas organizações deveriam apenas pôr a serviço, nunca dirigir, ela nos adverte sobre as condutas que criam dependência e as que libertam. Essa dominação dos que manipulam bem as palavras sobre os que manipulam as coisas se encontra a cada etapa da História. E os organizadores de palavras, sacerdotes ou intelectuais, têm servido sempre os exploradores contra os produtores. Abolir a divisão entre

¹⁶ WEIL, Simone, 1909-1943. Tradução: Marina Appenzeller. – Campinas, São Paulo: Papirus, 1991, p. 9.

¹⁷ WEIL, Simone. 1909-1943. Tradução: Marina Appenzeller. Campinas, São Paulo: Papirus, 1991, p. 11.

trabalho manual e intelectual é tarefa para se começar agora, sem esperar mais, pelos meios a nosso alcance.”¹⁸

De 1931 e até meados de 1932, Simone reivindicou e manifestou publicamente sua discordância e total desagrado às violências oficiais, se colocando a favor dos trabalhadores, liderando entusiasticamente um movimento que protestava contra o desemprego na cidade, algo coerente para alguém que de fato se compadecia com os problemas humanos e as condições do trabalhador.

A mesma atitude de renúncia e doação que teve anos atrás ao apadrinhar um soldado francês que estava no front, Simone repete agora quando decide se equiparar a um trabalhador em greve e abre mão do conforto material para viver com uma parte insignificante de seu salário de professora e poder doar o restante aos pobres e engrossar o caixa dos militantes grevistas. Em sua grande ingenuidade se alimentava com muita parcimônia, sem poder imaginar que a sua maneira de viver e sua pobreza extrema eram muito mais severas que a das demais famílias mineiras, que aqueciam suas casas no rigoroso inverno, enquanto que ela trabalhava encarangada de frio. Mais tarde conversando com Padre Perrin, ela desabafa: “*Eu não me recordo de nem um dia em que o espírito de pobreza não tenha estado em mim*”.

Simone sofria de enxaqueca e estas eram mais fortes a cada dia que passava, muitas vezes necessitando apoiar-se numa colega para conseguir subir os degraus de uma escada. Simone está entre os manifestantes mineiros quando estes vão reivindicar melhores e mais dignas condições de vida ao Conselho Municipal de Puy. Sua presença entre os manifestantes torna-se um verdadeiro escândalo e vira manchete dos jornais. Em seguida o reitor, toda a diretoria e as demais autoridades do liceu a repreendem e tentam afastá-la do cargo de professora, mas suas alunas impedem tal ato e acabam convencendo seus próprios familiares a enviarem ao ministro um abaixo-assinado pedindo a permanência da professora Simone Weil na escola.

Até o padre da Catedral de Puy se manifesta publicamente contra ela. E de Paris um jornal publica:

“Perguntam-nos o que a judia Mlle. Weil, professora de filosofia, pode fazer à frente das manifestações dos grevistas da cidade. É bem simples:

¹⁸ BOSI, Ecléa. *Simone Weil, A Razão dos Vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 21.

Mlle. Weil é uma militante de Moscou.”¹⁹

Simone jamais desmente tal afirmação e até se diverte fazendo brincadeiras quando percebe que está sendo seguida por policiais. Se por um lado Simone é atacada e difamada, por outro, os conselhos sindicais protestam veementemente a favor da professora e endurecem seus discursos contra toda e qualquer ameaça dirigida à camarada Simone Weil e afirmam categoricamente que:

“ela jamais tentou conduzir ou mesmo influenciar o movimento dos grevistas, mas apenas servir. O que fez Simone Weil? O que todos nós deveríamos fazer”. [...] “Quanto a nós, ferroviários, não esquecemos o ensino que ela nos ofereceu gratuitamente durante três anos e nos sentimos felizes por mostrar a ela nossos sentimentos de reconhecimento e amizade”.²⁰

Por unanimidade, a professora dos ferroviários é cercada e protegida pelo Conselho Regional dos Mineiros Unidos do Loire. Eles não esquecem o ensino que lhes foi ofertado gratuitamente por ela e se sentem genuinamente felizes em poderem retribuir-lhe com gestos de amizade e gratidão, por isso mandam um telegrama de protesto ao ministro e exigem que Simone seja mantida e poupada, sob a ameaça de intervenção.

O professor Villard, do liceu de rapazes, juntamente com mais nove colegas também lhe apoiam e declara: “*Não compreendi até agora a história de Joana D’Arc. Agora sim, compreendo.*”

Simone está com apenas vinte e dois anos e quando o seu mestre Alain toma conhecimento de tais fatos ele lhe envia uma carta chamando-a de “corajosa criança”. Simone dedica-se de corpo e alma à sua profissão de professora. Prepara e planeja as suas aulas cuidadosamente até que um belo dia o reitor decide assisti-las e fica encantado com tamanha clareza, didática e dedicação. Ele então resolve atender a todas as reivindicações da professora, que deseja apenas reforçar o seu curso com aulas suplementares, sem receber um centavo a mais por isso. Eis aqui o que suas alunas escrevem a seu respeito:

“Ela não era uma professora do modelo comum. Ela se prodigalizava a seus

¹⁹ BOSI, Ecléa. *Simone Weil, A Razão dos Vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 23.

²⁰ BOSI, Ecléa. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão - Simone Weil*. Tradução de Therezinha G. G. Langlada; seleção e apresentação de Ecléa Bosi. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 21.

alunos pondo à sua inteira disposição seus conhecimentos e seu tempo. Assim foi quando uma de nós, não podendo passar no bacharelado devido ao latim, ela lhe propôs imediatamente ensinar-lhe, e gratuitamente, é claro. Pensando que a história das matemáticas nos interessava ela nos deu um curso suplementar, facultativo e benévolo, quinta-feira; todas as suas alunas assistiram-no assiduamente. Ela se preocupava até com nossas necessidades materiais. Precisávamos de um livro, em francês, por exemplo? (...) 5ª feira ela trazia sempre às suas alunas internas o livro prometido. Que reconforto era ver chegar Simone Weil nesse pátio de internato onde os outros professores vinham bem raramente, sobretudo num feriado!”²¹

Simone era realmente uma professora diferenciada. Seus alunos eram sua maior preocupação e para eles se doava de todas as formas. Mesmo tendo uma oportunidade de transferir-se para os arredores de Paris, onde ficaria mais perto de sua família, optou por renunciar a esse posto somente para não abandonar suas alunas na metade do curso. Continua também levantando de madrugada, muito antes do sol nascer, para dar continuidade ao seu curso aos trabalhadores em Saint-Etienne. Ela também ministra aulas sobre Marx para dois operários de Puy. Essas suas aulas são, posteriormente, transformadas em ensaios de Filosofia e em escritos econômicos e políticos.

²¹ BOSI, Ecléa. *Simone Weil, A Razão dos Vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 24.

CAPÍTULO II – A CONDIÇÃO OPERÁRIA

Poucos anos depois de sua nomeação como professora, Simone decide interromper temporariamente sua profissão de docente e pede uma licença de dois anos para poder viver na prática a condição operária. Ela percebe que a única maneira de ajudar a humanidade a encontrar o caminho para a paz é o trabalho e por isso está sempre preocupada e muito próxima dos mais oprimidos. Nas palavras de Maria Clara Lucchetti Bingemer podemos constatar.

“Viveu intensamente as lutas, esperanças e dores de seu tempo. Movida por intenso sentimento de solidariedade, abandona o magistério para trabalhar como operária fabril. Experienciou de dentro as lutas operárias na França do início do século. Nos anos 30, a intelectual Simone vive junto aos operários franceses a crise e o desemprego. São “anos duros, decisivos em sua vida.”²²

No período de sua licença da docência Simone Weil trabalhou em três fabricas diferentes, por último e, durante um ano inteiro, na linha de montagem de carros da Renault. A filósofa e pensadora se torna operária porque quer vivenciar na pele o exaustivo cotidiano dentro da fábrica, pois pretende escrever com a máxima fidelidade sobre a vida daqueles trabalhadores. Desta forma decide conhecer aquela engrenagem quase desumana das fábricas com a esperança de poder escrever um novo capítulo dessa história da engrenagem social que move os opressores, mas que escraviza e subjuga os oprimidos. É um período muito rico na sua formação moral, política e filosófica e, por outro lado, altamente destrutivo para a sua saúde física. Em suas cortantes palavras, foi nas fabricas que trabalhou que ela recebeu na carne a marca da escravidão que “*é o trabalho sem luz de eternidade, sem poesia, sem religião*”.²³

Simone possui um rosto aristocrático e um olhar penetrante, mas sua beleza vive escondida por detrás dos óculos redondos. Ela é uma intelectual, não é uma operária, mas ainda assim opta por viver em condições muito penosas, não aceitando ajuda financeira dos pais e preferindo morar em um quarto simples no bairro operário, junto aos outros trabalhadores da Renault.

²² BINGEMER; BARTHOLO JR, 1997, p. 81.

²³ BINGEMER; BARTHOLO JR, 1997, p. 81.

Sua constituição física é semelhante à de alguém desnutrida. As mãos dela eram pequenas e delicadas para o trabalho fabril e por isso não possuía destreza e nenhum talento para aquele tipo de trabalho manual que desenvolvia, onde era preciso manusear bobinas em um ritmo muito acelerado. Sabe-se que para esse tipo de trabalho é preciso habilidade e muita agilidade para conseguir produzir o mesmo número de peças que os demais operários produziam, mas Simone não tinha essa agilidade e por isso acabou se queimando seriamente muitas vezes. Não foi preciso muito tempo para perceberem que aquela moça delicada e de fino trato não era uma simples operária fabril como eles.

Com seu olhar atento e complacente ela não perdia de vista aqueles trabalhadores socialmente marginalizados que eram os seus companheiros operários. Com exacerbada sensibilidade aguçava ainda mais seus sentidos para melhor compreendê-los em seus silêncios e de fato conseguir escutá-los com suas vozes fracas, quase inaudíveis. De modo ininterrupto pousava a sua atenção sobre todos os miseráveis na escala social, tentando de todas as formas adivinhar seus pensamentos, necessidades e angústias. Em pouco tempo eles se tornaram para ela objeto de sua filosofia.

Mesmo sofrendo de fortes crises de enxaqueca Simone trabalha com afinco e continua vigilante a tudo que a rodeia. Possuía uma força de vontade descomunal, mas o cansaço, somado a fome e as poucas horas de sono debilitavam-na dia após dia e ela percebe que não consegue mais pensar e dessa forma conclui que é isso que a fábrica moderna faz com o ser humano. Ela diz que “a fábrica tira dele a possibilidade de pensar e o transforma em uma “coisa” numa besta de carga que executa ordens sem pensar, assim como uma besta que puxa o arado e não pensa”. (WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979).

Simone observou que com a exaustão do trabalho semanal seus pensamentos iam sumindo gradativamente, e que durante os finais de semana eles começavam a voltar de modo tímido, fragmentado e em fiapos ainda, mas que, quando chegava o início da semana, eles iam aos poucos sumindo novamente durante o trabalho esgotante da jornada semanal. E ela escreve em seu diário:

“O esgotamento termina por me fazer esquecer as verdadeiras razões da minha estadia na fábrica. Torna quase invencível para mim a tentação, a mais forte que comporta esta vida: aquela de não mais pensar, único meio de não mais sofrer. É somente no sábado à tarde e no domingo que me

retornam as lembranças, farrapos de ideias, que eu me lembro de que também sou um ser pensante.”²⁴

Simone deduziu que se ficasse por muito mais tempo nessa lida diária talvez não conseguisse mais concatenar seus pensamentos. Percebe, então, que aquilo não é trabalho, é escravidão. E afirma que “*há nas fábricas uma inversão de papéis e de valores, onde as pessoas viram coisas e as coisas são valorizadas como se fossem pessoas*”. Nas palavras de Bingemer:

“No primeiro dia do novo trabalho, não sabendo ainda evitar as chamas, teve graves queimaduras nos braços e mãos, que ainda eram visíveis após vários meses. No entanto, relata em seu diário que aquele foi o lugar na fábrica onde o ambiente era mais fraternal e solidário. Cada vez que sentia na pele a mordida da queimadura, o soldador que se encontrava à sua frente lhe dirigia “um sorriso triste, cheio de simpatia fraterna”, que lhe fazia um “bem indizível”. E quando, depois de uma hora e meia, o calor, a fadiga e a dor a fizeram perder o controle dos movimentos, impedindo-a de baixar a tampa do forno, um metalúrgico se precipitou e baixou-a para ela. Isso a inundou de gratidão e reconforto”.²⁵

Também foi ali, no chão da fábrica da Renault onde ela se instalou anônima e modestamente, que o seu sentimento de compaixão se aprofundou. Ali bem perto daqueles trabalhadores humildes foi o lugar onde ela conheceu e se compadeceu da dor do outro, fazendo jus a seu estilo de vida, entregando-lhes a sua solidariedade, nascida instantaneamente entre eles quando seus olhares se cruzavam:

“Olha para mim diante de um enorme fogo que cospe labaredas para fora, bafo de brasas direto no meu rosto. Fogo saindo por cinco ou seis buracos na base do forno. Eu bem na frente para pôr lá dentro cerca de trinta bobinas grossas de cobre que uma operária italiana, de fisionomia corajosa e franca, vai fazendo a meu lado; as tais bobinas são para os bondes e os metrô. Preciso prestar bastante atenção para que nenhuma delas caia num dos buracos, senão vai se fundir; para isso preciso ficar bem na frente do forno e nunca, nem o sopro ardente no meu rosto, nem a dor do fogo no

²⁴ WEIL, Simone. *La condition ouvrière*. Paris: Gallimard, 1951, p. 51.

²⁵ BINGEMAR, 2007, p. 121.

braço (ainda tenho as marcas) deve produzir um movimento falso.”²⁶

Enquanto Simone era marcada pelo calor das labaredas do forno daquele inferno fabril, recebia de cada companheiro operário a proteção física e o apoio afetivo irrestrito. Ela estava totalmente extenuada pelo repetitivo e desumano trabalho, mas conhece e se encanta com o total desprendimento daqueles humildes trabalhadores. Então ela pensa na maioria dos dirigentes comunistas que muito pregam sem ao menos nunca terem pisado no chão de uma fábrica. Toda a política lhe parece uma imensa palhaçada. Ela se decepciona muito com a política porque vê que esta não tem raiz na realidade.

As intensas e frequentes enxaquecas estavam ficando quase insuportáveis para Simone. Além das dores de cabeça também lhe incomodavam muito as doloridas queimaduras e ela estava se sentia muito enfraquecida. Depois de um ano trabalhando no chão da fábrica Renault decidiu se afastar. Durante o tempo que lá esteve escreveu coisas profundas a respeito dessa experiência fabril, achando que aquela experiência tirou-lhe a mocidade, sentindo que aquela leveza de coração que é própria da juventude nunca mais ela a teria. Simone vivia realmente como uma operária, com seu olhar aguçado para política e o pensamento social e afirma que o trabalho manual exaustivo exercido por aqueles trabalhadores os desumanizava, que os manipuladores da palavra faziam a separação da atividade intelectual e a atividade manual gerando uma relação de dominação. Para ela, a opressão resulta em obediência e apatia.

Segundo suas próprias palavras, “*esse período foi uma marca indelével da escravidão*”. Ela escreve sobre a infelicidade social e as marcas da brutalidade da escravidão:

“Esse contato com a infelicidade matara a minha juventude. Sabia bem que havia muita infelicidade no mundo, estava obcecada por isso, mas nunca a tinha constatado através de um contato prolongado. Na fábrica, confundida aos olhos de todos, e aos meus próprios olhos, com a massa anônima, a infelicidade dos outros entrou na minha carne e na minha alma. Nada me separava dela, porque tinha realmente esquecido o meu passado, não aguardava qualquer futuro e dificilmente conseguia imaginar a possibilidade de sobreviver àquelas fadigas. O que aí sofri marcou-me de

²⁶ BOSI, Ecléa. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão* - Simone Weil; tradução de Therezinha G. G. Langlada; seleção e apresentação de Ecléa Bosi. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 32 *apud* WEIL, Simone. *La condition ouvrière*. Paris: Gallimard, 1951.

forma tão duradoura que, ainda hoje, quando um ser humano, seja ele quem for, e não importa em que circunstâncias, me fala sem brutalidade, não consigo deixar de pensar que se deve ter enganado e que o engano vai certa e infelizmente desfazer-se. Recebi aí e para sempre a marca da escravatura, como a marca do ferro em brasa que os romanos impunham na frente dos seus escravos mais desprezados. Depois disso, passei a olhar-me sempre como escrava”.²⁷

Simone estava realmente muito fatigada. E sentia no coração que as fortes marcas da escravidão jamais se apartariam dela. Para nunca mais ela seria aquela Simone que lá entrou.

2.1 PRIMEIRA EXPERIÊNCIA MÍSTICA

Simone estava de fato muito enfraquecida e antes mesmo que ela insistisse em voltar à sua condição de professora, seus pais decidem intervir e conseguem levá-la para Portugal para descansar e reaver um pouco sua débil saúde. Ao chegar lá Simone se separou deles para ir sozinha a uma pequena aldeia de pescadores. Ela estava absolutamente exausta e de algum modo tinha a alma e o corpo em pedaços. Mais tarde ela escreveu:

“Num estado físico miserável, entrei nessa pequena aldeia portuguesa – que era, ai! tão miserável também – sozinha à noite, sob a lua cheia, no dia da festa do padroeiro. As mulheres dos pescadores faziam a volta aos barcos em procissão, levando círios e cantando cânticos certamente muito antigos e de uma tristeza dilacerante... Ali tive de repente a certeza de que o cristianismo é, por excelência, a religião dos escravos, que os escravos não podem não aderir a ela, e eu entre os outros”²⁸.

E foi lá em Póvoa de Varzim, em Portugal, a 15 de setembro, festa da padroeira Nossa Senhora das Dores, que ela diz “*ter a certeza de que o cristianismo é, por excelência, a religião dos escravos, que os escravos não podem não aderir a ela, e eu (ela) entre os outros*”, e que ao ver a procissão de mulheres simples de pescadores carregando velas e caminhando entoando na língua portuguesa cânticos religiosos tristíssimos, Simone tem a sua

²⁷ BOSI, Ecléa. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão* - Simone Weil; tradução de Therezinha G. G. Langlada; seleção e apresentação de Ecléa Bosi. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 36.

²⁸ BOSI, Ecléa. *Simone Weil – A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Disponível em: <https://verticalehorizontal.wordpress.com/2014/06/10/simone-weil/>. Acessado em: 30/03/2018.

primeira experiência mística. Mesmo sem compreender aqueles cânticos melancólicos ficou completamente extasiada com tanta ternura e beleza, ao mesmo tempo em que sente uma tristeza lancinante. Ela se arrepia e se comove profundamente. E ali se entrega ao cristianismo. Essa necessidade de entrega, essa constatação de Simone, é como um rito de passagem. Ela se inclui como escrava, não numa perspectiva de apatia ou conformismo, mas inserida na condição de vassala para ajudar de todas as formas a libertar o povo dessa servidão. Este foi o seu primeiro contato com a fé católica, uma experiência inteiramente nova para ela que vinha de uma família de judeus. Foi o seu primeiro arroubo espiritual.

2.2 GUERRA CIVIL ESPANHOLA

A escritora mística, mulher de estatura delgada, fisicamente tão delicada, possuía pensamento extremamente forte e claro, tinha sentimentos nobres e pregava o amor incondicional ao próximo. Em qualquer lugar e sob qualquer condição era uma defensora ferrenha dos mais fracos e oprimidos. Seu olhar para com os desventurados era atento.

Simone Weil era intensa em tudo que fazia. E ela decide fazer uma nova experiência. Desta vez quer sentir o que experimentam e sofrem as pessoas no meio da guerra, por isso com um salvo-conduto de jornalista ela atravessa a fronteira espanhola e se junta à causa republicana, ali se engaja na milícia de missões perigosas, no centro sindical anarquista. Desta forma ela se alista na Guerra Civil Espanhola e mesmo com sua visível fragilidade e inexperiência militar aprende a se rastejar na lama, mesmo com sua indisfarçável miopia recebe nas mãos um rifle e aprende a manejá-lo para lutar e se defender. Durante a noite seu sono era sempre vigiado por dois companheiros masculinos até que o Capitão Barthomieu lhe ordenou trabalhar no campo como cozinheira, no qual ela não ousou protestar. E é ali também que Simone tem uma grande decepção com o comunismo. E diz:

“Eu fui achando que era uma guerra de ricos contra pobres, mas chegando lá percebi que era uma guerra entre Alemanha, a França e a Rússia, eram três potências usando as pessoas pobres e simples para uma chacina como eu nunca vi igual”.²⁹

Então ela escreve uma carta belíssima a George Bernanos, repórter na Guerra Civil Espanhola, escritor e jornalista francês e um grande crítico da burguesia de sua época, que

²⁹ BINGEMER, Maria Clara Lucchetti, 1949 – Simone Weil: a força e a fraqueza do amor. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. (Carta a Georges Bernanos; p. 291-296).

havia manifestado o seu horror com o massacre que os católicos franquistas faziam com os comunistas e, do outro lado, o massacre que os comunistas também faziam com os católicos franquistas: Ela diz a Bernanos:

“O livro que o senhor escreveu sobre a guerra da Espanha é a única análise com a qual eu concordei. O senhor nada tem a ver comigo, o senhor é monarquista, é direitista, mas o senhor está mais próximo de mim do que qualquer outro pensador que pensa como eu”.³⁰

Bernanos nunca respondeu a linda carta da jovem Simone Weil, que discorria sobre o impacto que causou a ela a Guerra Civil Espanhola. Mas, curiosamente, no dia de sua morte, essa carta foi encontrada guardada na carteira dele e estava cuidadosamente dobrada.

Simone se choca muito com a barbárie da guerra, com as atrocidades que são cometidas de ambos os lados, com a forma banalizada da violência, por isso passa pouco tempo na Espanha. Após a sua experiência com a guerra espanhola, onde sem usar o seu rifle uma só vez, ela lutou bravamente ao lado dos revolucionários e anarquistas.

Simone era uma pacifista ferrenha e completamente desajeitada. Certo dia, na hora do almoço, sem se dar conta do que fazia ela é vítima de um sério acidente ao enfiar o pé em uma panela de óleo fervente acendida pelos milicianos dentro de um buraco feito no chão. O buraco estava camuflado no chão e com isso ela sofre queimaduras seríssimas. Seu pai médico, ao tomar conhecimento da gravidade de tal acidente, chegou a tempo de resgatá-la e evitar a amputação do pé de sua filha.

2.3 SEGUNDA EXPERIÊNCIA MÍSTICA

Simone imediatamente foi levada pelos pais para ser tratada em Assis, na Itália. E lá ela tem a sua segunda experiência mística!

“Estando só na capelinha romântica do século XII de Santa Maria dos Anjos, incomparável maravilha de pureza onde São Francisco rezou muitas vezes, alguma coisa mais forte que eu me obrigou, pela primeira vez na

³⁰ BINGEMER, Maria Clara Lucchetti, 1949 – Simone Weil: a força e a fraqueza do amor. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. (Carta a Georges Bernanos- p.291-296).

vida, a me por de joelhos diante do altar.”³¹

Inexplicavelmente Simone se rende a essa incontrolável vontade de se prostrar de joelhos diante do altar e o faz sem pestanejar. Apesar de não ser católica, contrita reza pela primeira vez numa Igreja católica. Ela descobriu muito cedo a figura de São Francisco de Assis e ela o admirava por sua vocação de errante, por seu desprendimento, sua pobreza e despojamento de tudo. Pensava que era dessa forma, despojando-se da vaidade, que ele atingia a verdadeira poesia. Por sua nudez de tudo é que lhe permitia entrar em contato com a beleza e com a transcendência.

2.4 TERCEIRA EXPERIÊNCIA MÍSTICA

A terceira experiência mística de Simone se dá um pouco mais tarde, no final de 1938, em um mosteiro beneditino da França, fundado no século XI, na Abadia de Solesmes, durante a celebração da Semana Santa, quando ela escuta cantos gregorianos. Devido as suas fortes dores de cabeça, cada nota parece ser uma martelada em sua cabeça dolorida. O sofrimento da dor e a beleza indescritível do canto gregoriano a leva a meditar profundamente sobre a alegria e a experiência da amargura da paixão de Cristo. Ela diz:

“No instante em que Cristo se apoderou de mim, nem os sentidos, nem a imaginação tomaram parte alguma; somente senti, através do sofrimento, a presença de um amor análogo àquele que se lê no sorriso de um rosto amado!”³²

Naquele momento Simone sente que Cristo a tomou para si. E para ludibriar sua dor de cabeça ela se concentra ainda mais nos ritos, cânticos e celebrações da Páscoa. E, posteriormente, ela escreve:

“Tinha intensas dores de cabeça; cada som me feria como um golpe, e um extremo esforço de atenção me permitia sair desta miserável carne, deixa-la sofrer sozinha, abandonada em seu rincão, e encontrar uma alegria pura e perfeita na beleza inaudita do canto e das palavras. Essa experiência permitiu-me por analogia, compreender melhor a possibilidade de saborear o amor divino através da desgraça. No curso daqueles ofícios, o pensamento

³¹ BOSI, Ecléa. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão* - Simone Weil; tradução de Therezinha G. G. Langlada; seleção e apresentação de Ecléa Bosi. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 40.

³² WEIL, Simone. *Espera de Deus*. ECE, 1987, p. 48.

da Paixão de Cristo entrou em mim de uma vez para sempre”.³³

E de uma vez por todas ela se converte à fé católica e começa a pensar em si mesma como uma pessoa religiosa. A partir de então começou a ler o Novo Testamento, textos de Santo Agostinho e outros textos cristãos, embora não tenha reconhecido a instituição Igreja por ser avessa a qualquer tipo de poder.

³³ WEIL, Simone. *Espera de Deus*. ECE, 1987, p. 47.

CAPÍTULO III – O EXÍLIO EM MARSELHA

3.1 A VIDA CAMPISTA

Em 1939 estoura a segunda guerra mundial e no ano seguinte a tropa nazista alemã invade a França e Paris é totalmente ocupada. A situação piora muito para qualquer família judia e especialmente para a família Weil e por isso são obrigados a deixar a capital francesa. Simone a princípio resiste, mas percebendo o perigo que sua família estava correndo acaba cedendo. Inicialmente vão para Marselha, no sul da França, que era um lugar de passagem, de exílio para as pessoas que fugiam da guerra. Ela observa muito e procura registrar o que vê e o que pensa e, desta forma, começa a colaborar com o jornal *Les Cahiers du Sud* sob o pseudônimo de Emile Nobis (anagrama de seu nome).

O contato com o mar mediterrâneo lhe faz muito bem, não só no tocante a sua saúde, mas também porque evocava a cultura grega pelo qual ela era realmente muito apaixonada. Em Marselha Simone Weil escreve sobre *Ilíada* e é lá que ela conhece alguns monges dominicanos e acaba se aproximando muito deles. Em 1941, através de amigos, acaba conhecendo e se tornando grande admiradora do Padre católico Joseph-Marie Perrin e fez dele o seu confessor, seu grande amigo e confidente para discutir as coisas da Igreja católica.

Esse padre fica tão impressionado com os pensamentos de Simone e com a sua cristandade efetiva que lhe apresenta grupos católicos que fazem resistência ao nazismo, onde ela se engaja e milita distribuindo panfletos e outros trabalhos de subversão, deixando um pouco de lado o seu pacifismo inicial, alegando que para evitar um mal maior devemos agir com inteligência e estratégia. Desta forma Padre Perrin a ajuda a concretizar o seu sonho de trabalhar e vivenciar a vida no campo, apresentando-lhe Gustave Thibon, um fazendeiro e teólogo leigo que administrava ali perto uma colônia agrícola católica. E é para lá que ela se dirige, mas Simone não aceita morar na fazenda, ela pede a Thibon para se instalar em um casebre que fica ali próximo à sede e a noite dorme no chão, em saco de dormir, e faz questão absoluta de se alimentar apenas de tomates e cebolas.

Simone aprende com Thibon a oração do “Pai Nosso” e fica absolutamente encantada com essa linda oração cristã. Depois, mais tarde, resolve fazer a tradução da oração do “Pai-Nosso” para a língua grega e logo a seguir ela ensina Thibon a rezar em grego a famosa oração do “Pai Nosso” e ambos se comprometem a aprendê-la de cor, mas não o fazem de imediato. Algum tempo depois ela escreve em seu diário:

“Prometemos um ao outro aprendê-lo de memória. Creio que ele não o fez; eu tampouco no momento. Porém, algumas semanas mais tarde, folheando o Evangelho, disse a mim mesma que deveria fazê-lo, dado que o havia prometido. E o fiz. A doçura infinita desse texto grego tocou-me de tal maneira, que durante alguns dias não pude deixar de recitá-lo continuamente. Uma semana depois comecei a vindima. Recitava o “Padre-nosso” em grego, cada dia, antes do trabalho e o repetia amiúde na vinha. Desde aquele momento me impus, como prática única, recitá-lo uma vez, cada manhã, com uma atenção absoluta. Se durante a recitação, minha atenção se distrai ou adormece, mesmo que fora de uma maneira infinitesimal, recomeço até que haja obtido uma atenção absolutamente pura. A seguir, chego às vezes a recomeçar uma vez mais, todavia por puro prazer, porém não o faço a não ser quando o desejo me instiga”.³⁴

Que comovente esse depoimento de Simone Weil, onde ela diz recitar o Pai-Nosso diariamente, e fazer dessa linda oração uma prática cotidiana, recitá-lo com atenção pura e absoluta. Sem jamais abandonar os seus estudos filosóficos, continua suas discussões e palestras com Padre Perrin no convento dos dominicanos e assume ao lado dos camponeses o trabalho agrícola nas vindimas, participando ativamente da colheita. Demonstrando serenidade e paz ela reza a oração do “Pai-Nosso” durante toda a colheita de uvas.

2.6 AMIZADE COM PADRE PERRIN E SUA RECUSA AO SACRAMENTO DO BATISMO

Padre Perrin enxerga em Simone uma pessoa excepcional e é ele que se torna seu grande amigo e interlocutor. Conversavam regularmente e ela, além da afeição e admiração, tem com ele uma relação intelectual muito forte, recebendo dele sua orientação cristã. Ela tinha verdadeira paixão pelos sacramentos da Igreja, principalmente pela missa e pela eucaristia, mas nunca pode participar plenamente do sacramento da comunhão, pois ela não

³⁴ WEIL, Simone. *Espera de Deus*. ECE, 1987, p. 50.

havia sido batizada. Quando seu amigo padre dominicano Joseph-Marie Perrin lhe propôs o batismo ela o recusou veementemente, por achar que se entrasse para a Igreja ficaria de alguma forma com a sua liberdade intelectual restringida, pois não poderia dizer nada fora daquilo que a Igreja católica ensina. Mas, principalmente, não queria se separar das pessoas do mundo inteiro que também encontravam a verdade em outras religiões. Simone apreciava muito o hinduísmo e tinha certa dificuldade com o judaísmo, não sintonizava com a Bíblia hebraica, com o Antigo Testamento - a sua religião de origem - para ela a pertença ao evangelho e a Jesus Cristo deveria ter essa abertura e diálogo com as outras religiões.

Simone Weil conservou muito mais uma postura mística perante o catolicismo do que propriamente uma postura de conversão absoluta e completa.

Foi um período curto e muito fecundo para ela em Marselha, assim como tudo em sua vida. Padre Perrin havia sido transferido para Montpellier, mas mesmo longe eles mantiveram um contato constante através de cartas. E, juntamente com seus pais, Simone vai para Casablanca e ficam por lá por aproximadamente três semanas. Aproveitando esses dias antes de embarcarem para Nova York ela escreve uma longa carta ao Reverendo Padre Perrin sobre alguns de seus pensamentos que se interpunham entre ela e a Igreja. Em suas próprias palavras essa carta é a sua “Autobiografia Espiritual”. Ela escreve:

“Não lhe peço para discutir seu conteúdo. Ficaria feliz com tal discussão; no entanto, mais tarde, em segundo lugar. Peço-lhe agora uma resposta segura – sem fórmulas como “creio que” etc. – sobre compatibilidade ou incompatibilidade de cada uma dessas opiniões com o pertencimento à Igreja. Caso haja incompatibilidade, gostaria que me dissesse claramente: eu recusaria o batismo (ou a absolvição) a quem me afirmasse aderir às opiniões contidas nas rubricas número tal, tal e tal. Não peço uma resposta rápida. Não há urgência. Peço apenas uma resposta categórica”.³⁵

Sem dó nem piedade Simone discorre a respeito da *“diferença que há entre a Igreja e Cristo, onde o segundo é perfeito e a primeira maculada por uma grande quantidade de crimes”* e ainda afirma que *“a Igreja só é perfeitamente pura num aspecto: como mantenedora dos sacramentos. O que é perfeito não é a Igreja, mas o corpo e o sangue de*

³⁵ WEIL, Simone, *Carta a um religioso* / Simone Weil; tradução de Monica Stahel. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016, p.5.

Cristo nos altares”.³⁶

Simone termina de escrever essa longa carta dirigida a seu amigo e confessor Padre Perrin, agora superior dos dominicanos em Montpellier, e lhe enviou também mais alguns textos sobre o seu pensamento por ela expressado frequentemente, isto é: *Em espera*, um escrito do que futuramente, ao ser compilado, receberia o nome de “*Espera de Deus*”. Estando ainda em Casablanca, um pouco antes de embarcar com seus pais no navio que os levaria para Nova York, nos Estados Unidos da América, ela pegou todo o seu material escrito e endereçou aos cuidados dele, inclusive o seu diário contendo várias anotações importantes, alguns artigos, ideias, conceitos e muitas impressões dirigidas a ele. Em maio de 1942 o seu amigo padre recebe de Simone uma carta de adeus.

2.7 A FAMÍLIA WEIL EMBARCA PARA NOVA YORK

Em abril de 1942 Simone embarca de Marselha para a América do Norte em um navio português juntamente com seus pais e mais centenas de outros fugitivos. Foi uma viagem longa, difícil e muito cansativa até Nova York e de lá os três foram direto para a casa de André Weil, o irmão e filho matemático, agora já famoso, que lecionava em uma Universidade da Pensylvania. Mas, intimamente, Simone sabia que não ficaria por lá durante muito tempo e que logo voltaria para a Europa. Ela queria apenas deixar seus pais em segurança, portanto, ela nem bem chegou e já começou a planejar a sua volta à França e faz de tudo para conseguir seu intuito. Por ser muito conhecida é evidente que teve grande dificuldade para conseguir seu intento, pois ela estava impedida de voltar ao seu país. Mas, após vários contatos e múltiplas tentativas, sete meses depois, ela consegue então uma maneira de ir para Londres e assim o faz, na esperança de poder mais tarde cruzar de lá o túnel ferroviário do Canal da Mancha e entrar novamente na sua França ocupada.

2.8 CHEGADA À INGLATERRA

Para conseguir o seu intento Simone faz um projeto fora do comum, absolutamente mirabolante chamado “*As enfermeiras de primeira linha*”. Era um projeto para mulheres enfermeiras que deveriam descer de paraquedas sobre a França, na linha do front, para cuidarem dos soldados feridos. E ela envia o seu inusitado projeto para o governo provisório

³⁶ WEIL, Simone, *Carta a um religioso* / Simone Weil; tradução de Monica Stahel. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016, pp. 25-28.

francês exilado em Londres, mas é claro que ele nunca foi colocado em prática. O chefe da resistência francesa na Inglaterra classificou-o como uma verdadeira loucura e a partir disso tentou afastar Simone dos planos e decisões que dali pra frente tomaria. Isso para ela foi um duro golpe. Simone se sentiu excluída, apartada de tudo, completamente fora da luta. Mesmo à distância do ponto de vista político continuou apoiando a resistência francesa, e do ponto de vista intelectual, esse tempo que ela esteve na Inglaterra foi bastante produtivo também. Além de estudar ela redigia textos e esboçava muitos planos.

Mesmo trabalhando na zona livre em Londres, no boletim da resistência, é lá na Inglaterra que ela escreve um de seus mais importantes livros “*O enraizamento*”, que é um livro para a França no pós-guerra, para a vitória dos aliados que já se avizinhava. É um belo livro onde nos apresenta uma reflexão sobre a necessidade que o ser humano tem de “fincar raízes”, não necessariamente no sentido territorial, mesmo porque naquele contexto pós-segunda guerra mundial o nacionalismo pra ela tem um contexto muito triste, mas no sentido de que os seres humanos estabelecem raízes e vínculos afetivos com outros seres humanos. E ela fala dessas formas de enraizamento, tão necessárias aos seres humanos e, ao mesmo tempo, como é que o capitalismo, a guerra e outros fenômenos desenraizam o ser humano, inclusive no sentido territorial, com o problema da imigração e do exílio. Outro aspecto do livro é o que pode construir esse enraizamento e ela defende uma concepção de que muito mais importante que o direito é a ideia do dever fundamental para com os outros seres humanos. Ela diz: “*o ser humano sozinho no mundo não teria direitos, mas ainda assim ele teria deveres*” e dessa forma ela mostra como essa ideia funda o direito de respeito e dignidade.

Por ter que permanecer na Inglaterra por mais tempo e não poder entrar na França Simone Weil vai ficando cada vez mais deprimida. Para ela era sofrido demais ter que ficar apenas na retaguarda da luta, participando moralmente. Ela comia pouquíssimo, a mesma quantidade que era permitida aos franceses na zona ocupada. Havia um grande racionamento nesse período e a alimentação permitida aos civis e aos soldados nos campos de batalha do território era restrita, por isso Simone fazia questão de se alimentar com a mesma quantidade que era permitida aos seus compatriotas e o restante que lhe cabia ela dava aos refugiados que visitava diariamente. Simone dormia sem calefação em solidariedade aos franceses que não a tinham, e com isso sua saúde foi se deteriorando mais e mais.

Fraqueza e desnutrição a fizeram desmaiar em seu quarto londrino, onde foi

encontrada e levada para o Hospital Middlesex, tendo ficado internada por alguns dias. Por privar-se de conforto e de cuidados, por viver como viviam os mais desventurados, impondo a si própria absoluta escassez de comida, equiparando-se e vivendo com a mesma quantidade de ração diária a que os franceses da zona ocupada faziam jus, ela foi ficando extremamente fraca e irremediavelmente debilitada. Por acreditar que o pedaço de pão que se recusava a comer pudesse ajudar a matar a fome dos mais necessitados, por acreditar que com esse seu gesto suavizaria a dor daqueles pobres soldados que sofriam nos campos de batalha ela acabou fortemente desnutrida. Tossia dia e noite e vivia encolhida de dor e de frio. Por conta de sua exagerada determinação, além da extrema fraqueza Simone Weil foi diagnosticada também com tuberculose. Ela foi se definhando dia após dia e, então, foi transferida para o sanatório de Ashford, onde veio a falecer no dia 24 de agosto de 1943, no Reino Unido.

2.9 ATENÇÃO AO MUNDO E VONTADE INQUEBRANTÁVEL EM SIMONE WEIL

Simone Weil (1909-1943), essa pensadora fascinante, é capaz de abalar nossas certezas e de nos provocar uma admiração instantânea, por sua forma coerente de despojar-se de si mesma para conhecer e sentir de perto a dor dos miseráveis, pois ela escreve o que pensa e também o que de fato vivencia, ela escreve tudo aquilo que celebra. Simone Weil luta contra a coisificação do ser humano, sobretudo dos atingidos pelo sofrimento (*malheur*). Seus conceitos são humanitários e seus pensamentos e ações são cheios de compaixão:

“Não é somente o amor de Deus o que tem por substância a atenção. O amor ao próximo, que sabemos ser o mesmo amor, é feito da mesma substância. Os infelizes (aqui no sentido de serem portadores de qualquer tipo de sofrimento e desgraça) não têm necessidade de outra coisa neste mundo a não ser de homens capazes de prestar-lhes atenção. A capacidade de prestar atenção a um infeliz (desgraçado) é muito rara, muito difícil; é quase um milagre; é um milagre. Quase todos os que creem ter essa capacidade não a têm. O calor, o fervor do coração, a piedade, não são suficientes. É saber que o infeliz existe não como unidade em uma coleção, não como um exemplar da categoria social etiquetada “infeliz”, mas como homem, exatamente igual a nós, que foi atingido, um dia, de uma maneira inimitável, pela infelicidade. Para tanto é suficiente, (porém indispensável), saber pousar sobre ele um olhar certo. Este é, antes de tudo, um olhar atento em que a alma se esvazia de todo conteúdo próprio, para receber em si mesma o

ser que ela olha, tal como é, em toda sua verdade. Só é capaz disso aquele que é capaz de atenção. A plenitude do amor ao próximo consiste, simplesmente, em ser capaz de perguntar-lhe: “Qual é teu tormento?”³⁷

O tempo trabalhou velozmente contra Simone. A tuberculose avançou a passos largos e nenhum medicamento foi eficaz para conseguir curá-la. Ela não resistiu a tuberculose e faleceu em 24 de agosto de 1943. Creio firmemente que o trabalho exaustivo, que a restrição alimentar que ela se submeteu e que o congelante frio europeu deram as suas parcelas de contribuição para que perdêssemos tão precocemente essa fascinante filósofa francesa. Sem dúvida, Simone Weil foi uma singular pensadora que aguçou o seu olhar e enxergou os enormes problemas da questão social. Ela lutou incansavelmente pelas causas dos operários que só obedecem e se curvam e que são rebaixados sob as máquinas. Lutou pelo sentimento de respeito e dignidade que se perde pelo golpe de uma pressão brutal cotidiana e pelo sentimento de docilidade e resignação que se ganha quando se espera, recebe e executa ordens.

“Dois fatores condicionam esta escravidão: a rapidez e as ordens. A rapidez, para alcançá-la, é preciso repetir movimento atrás de movimento, numa cadência que, por ser mais rápida do que o pensamento, impede o livre curso da reflexão e até do devaneio. Chegando-se à frente da máquina, é preciso matar a alma, oito horas por dia, pensamentos, sentimentos, tudo. Quer se esteja irritado, triste ou desgostoso, é preciso engolir, recalcar tudo no íntimo, irritação, tristeza ou desgosto: diminuiriam a cadência. E até a alegria. As ordens, desde o momento que se bate o cartão na entrada até aquele em que se bate o cartão na saída, elas podem ser dadas, a qualquer momento, de qualquer teor. E é preciso sempre calar e obedecer [...] calar-se e dobrar-se”.³⁸

Através de seu desempenho e múltiplos exemplos Simone Weil se eternizou como uma filósofa atuante e dinâmica, de reais intervenções e atuações, como uma pensadora repleta de reflexões e ações humanitárias. Ainda que de forma introdutória, temos aqui elementos importantíssimos para reflexão do pensamento dessa filósofa francesa, que a sua filosofia se realiza, também, como uma mística da ação, como podemos ler em suas palavras

³⁷ WEIL, Simone. *Espera de Deus*. São Paulo: ECE, 1987.

³⁸ BOSI, Ecléa. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão - Simone Weil*; tradução de Therezinha G. G. Langlada; seleção e apresentação de Ecléa Bosi. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 66.

ao afirmar que “quando há um forte e um fraco, não há necessidade alguma de unir duas vontades. Porque não há senão uma vontade, a não ser a do forte. O fraco apenas obedece”³⁹. “Que o homem não só saiba o que faz, mas se possível, que ele perceba o uso que ele faz – que ele perceba a natureza modificada por ele”⁴⁰.

Assim, ao unir prática e teoria, pensamento e ato, reflexão e ação, Simone Weil é solidária para com a dor alheia, amando incondicionalmente aquele sem voz e sem vez que foi atingido de alguma forma pela desgraça. Ela ainda é capaz de se colocar ao lado dele e de lutar com ele e de lhe perguntar: “qual é o teu tormento?” E ela o faz de forma magistral.

³⁹ WEIL, Simone. *Espera de Deus*. São Paulo: ECE, 1987, pp. 149-150.

⁴⁰ WEIL, Simone. *Espera de Deus*. São Paulo: ECE, 1987, p. 89.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filósofa judia e escritora mística Simone Weil é uma notável pensadora do século XX, não só por seus escritos, mas também por seu heroísmo e exemplos. Viveu por apenas trinta e quatro anos. Tudo nela era urgente. Absolutamente, tudo. De ideias altruístas e ideais nobres, demonstrou grande inclinação a serviço do próximo ao se entregar à causa dos oprimidos, desdobrando-se em atenção e buscando a verdade. Discutiu as realidades e dogmas da Igreja católica com seu admirável confidente e amigo dominicano Padre Perrin, na busca contínua da perfeição do espírito, colocando em prática tudo o que sempre pregava.

Simone Weil é uma jovem pensadora generosa cuja vida emociona e assusta. Para alguns, é uma filósofa excêntrica, uma revolucionária, uma anarquista, uma militante aventureira ou uma guerrilheira. Já para outros, é uma filósofa admirável, um modelo a ser seguido, um ícone, uma operária, uma santa, ou seja, uma mulher muito representativa, que foge aos padrões normais para ser alguém livre, atenta, ativa, abnegada e arrebatadora.

É fundamental compreender que para Simone Weil o pensamento deve estar sempre atrelado à entrega e à ação. Com ela foi assim, sua reflexão intelectual encontra-se unida à sua atuação. Dessa forma espiritualidade e solidariedade marcam sua vida e a elevam para um patamar inimaginável, em padrões e modelos que vão muito além dos livros e dos manuais bíblicos. Continuamente ela se despoja de tudo que é seu e com seus exemplos e lutas abre-nos os olhos e nos convoca a conhecermos de perto o que realmente venha a ser a justiça, a equidade e a dignidade humana.

Mas, não somente isso, com suas ações altruístas Weil também nos mostra um Deus de amor que pode ser encontrado de várias outras formas, em todos os lugares, além dos livros sagrados e das igrejas, além das grades dos conventos e dos muros das diferentes religiões. Com seus gestos humanitários Simone fala da existência do Deus livre e nos mostra que é possível viver a santidade e a espiritualidade fora das instituições religiosas.

De quase todos os modos ela praticou grandiosos gestos humanitários e viveu em busca da verdade. Embora não tenha sido batizada na Igreja católica, por se considerar indigna dos sacramentos, se tornou uma verdadeira cristã de alma ao privar-se da calefação, da cama macia e da mesa farta, em completa solidariedade com os que não as tinham. Possuía uma forte compulsão para ajudar o outro, para se compadecer e se solidarizar com a sua dor.

Simone Weil se sacrificou para salvar muitas vidas. Que outra definição poderia haver da santidade senão essa?

A filósofa tem sempre os olhos direcionados para onde há oprimidos e servidão. Weil era convicta na ação e no pensamento. De posicionamentos sólidos se agigantava para defender os menos favorecidos. De outro modo, talvez tenha sido uma freira, uma camponesa, um mito, uma verdade que se preocupava demasiadamente com os problemas sociais humanos. Causou grande impacto por sua empatia com a dor alheia, servindo de inspiração não só para cristãos como também para ateus europeus.

Em Simone Weil doação, reflexão e ação se fundem e a elevam. Quando Hélène Honnorat, amiga de Simone, percebeu que ela “desperdiçava” os anos de sua juventude nos mais duros trabalhos, não se conteve e lhe perguntou ansiosa: “*Mas afinal, Simone, por que faz isso, com aquilo que traz em você, com tudo aquilo que você tem a dizer?* – ela responde convicta: - *Há coisas que eu não teria podido dizer se eu não tivesse feito isso*”.⁴¹

Sim, se não tivesse feito isso, certamente Simone não teria tanto a dizer. Ela refletiu e experienciou para poder nos contar, com propriedade.

Como pode ser verificado ao longo dos capítulos 1, 2 e 3, o objetivo do escopo inicial foi totalmente atingido, pois vida e obra weiliana parecem desmentir categoricamente a famosa alegoria de Pitágoras de que, “*imerso em um teatro, ou se participa dos jogos [ação], ou se observam [reflexão] os jogos*”. Ora, essa afirmação de Pitágoras não pode ser aceita como verdadeira, pois em muitas situações Simone Weil procedeu de forma determinada se envolvendo pessoalmente nos fatos e, simultaneamente, elaborando as suas reflexões; em outras, ela primeiro refletiu e depois foi confirmá-las vivenciando os fatos por ela observados, ou seja, uniu magistralmente reflexão e ação, provando que filosofia e vida cotidiana coexistem e que podem e devem caminhar sempre juntas, em uma relação simbiótica, pois contribuíram sobremaneira para que ambas fossem mais completas.

Diferenciada da grande maioria dos demais filósofos, Simone Weil não se permitiu viver em uma “Torre de Marfim”, como vivem ou viveram outros tantos pensadores que passaram suas vidas soterrados em suas pesquisas puramente teóricas, absortos e totalmente apartados do mundo real que os circunda, pelo contrário, ela se dispôs a agir, arregaçando as mangas para vivenciar e analisar pessoalmente as condições dos fenômenos que observava,

⁴¹ BOSI, Ecléa. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão* - Simone Weil; tradução de Therezinha G. G. Langlada; seleção e apresentação de Ecléa Bosi. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 51.

resultando daí reflexões e conclusões sustentadas não apenas na abstração do pensamento, mas, sobretudo, em sua experiência pessoal.

Sem deixar de lado suas naturais e incansáveis preocupações sociais, Simone refletiu muito sobre a escravidão, sobre a atenção e o absoluto e afirma que: “*quando olhamos, vemos e contemplamos o objeto a ser conhecido com toda a atenção já é uma forma de oração e que é daí que pode brotar a verdadeira filosofia*”. Ela escreveu livros filosóficos, artigos sobre o ensino, algumas poesias, livros sobre literatura grega e sobre o seu pensamento religioso e místico.

Simone Weil não era uma professora do modelo comum. Ela se prodigalizava a seus alunos pondo à sua inteira disposição seus conhecimentos e seu tempo. Em tão poucos anos de vida ela conseguiu ser muitas: conciliou a nobre profissão do magistério com o ativismo político; conciliou a vida simples de camponesa, com o extenuante trabalho no chão das fábricas; considerou o estatuto dos judeus, de um modo geral, injusto e absurdo e exaltou a oração do Pai Nosso; repartiu seus conhecimentos com seus alunos e, ao mesmo tempo, manteve sua atenção direcionada para os últimos na escala social; nasceu e conviveu com os mais letrados, mas caminhou ao encontro dos mais miseráveis para dividir com eles o seu pão porque eles estavam famintos; morreu protestando e em greve de fome contra as condições em que eram mantidos os prisioneiros de guerra na França ocupada; conciliou a reflexão e o pensamento filosófico com a ação ao caminhar na direção da classe social menos beneficiada, justamente daqueles que a desgraça deixou mais expostos. Sim, ela foi muitas.

Portanto, diante dessas constatações, podemos concluir que na filosofia de Simone Weil as capacidades humanas expressas pelas locuções *reflexão* e *ação*, são portadores de uma evidente “não dicotomia” e que a relação entre *práxis* e *theoria* é perfeitamente possível para a nossa filósofa francesa, mostrando-nos que não são mutuamente excludentes, pois o raciocínio não fica comprometido para aquele que canaliza os seus esforços físicos na ação, como que, se aliados, complementam-se.

Simone é uma pensadora de posicionamentos sólidos, que não se limitou ao campo da reflexão abstrata, que não se absteve de realizar qualquer tipo de interação com o objeto do seu estudo e pode direcionar todos os seus esforços na elaboração de uma teoria coerente de entendimento, explicando e identificando de maneira satisfatória as causas dos fenômenos investigados – papel este que é reservado à filosofia.

Ora, analisando concretamente vida e obra de Simone Weil, vê-se que ela tomou parte

nos procedimentos da ação sem comprometer em nada a percepção contida em todos os quadrantes do seu olhar. Em outras palavras, ela aplicou na prática suas teorias e teorizou sua prática para melhor analisar seu objeto de maneira completa, justamente por ter a vivência adquirida através da experiência. Demonstramos, dessa forma, que Simone Weil é personificação da filósofa que une sua reflexão teórica à ação prática e que sua prática foi responsável pela veracidade de seus escritos, contribuindo de maneira excepcional para a execução de suas obras. Em outras palavras, através de seu exemplo, ação e reflexão formaram em Simone Weil uma forma de simbiose, gerando uma ação mais consciente e uma reflexão mais completa.

Desta forma, não podemos aceitar como verdadeira a assertiva de Pitágoras quanto à dissociação sobre as capacidades humanas expressas pelas locuções *reflexão* e *ação* e, ao refutá-la, podemos concluir que temos em Simone Weil um exemplo que prova que reflexão e ação não são excludentes e que unidas são mais completas. Que em Simone Weil a filosofia e os fatos da vida cotidiana existem simultaneamente sim, e travam entre si uma relação de simbiose onde uma não pode viver sem a outra. Ao unir o pensamento filosófico às suas ações Simone nos atesta que ação e reflexão não se excluem mutuamente, pois fez qualquer vontade sua se tornar real, mostrando-nos que para ela as coisas difíceis não existiam e por isso mesmo ela não sabia que as realizava.

Simone Weil deixou como legado não somente uma proposta de reflexão inovadora, como também – e arriscamos acrescentar – uma filosofia de vida baseada na prática do amor e na entrega de si aos mais miseráveis. Conscientizarmo-nos das lutas e questões humanitárias de Simone Weil e conhecermos a trajetória de vida dessa profunda pensadora é reaviva-la e torná-la inesquecível para sempre, pois uma pensadora de tal magnitude não pode ficar esquecida.

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

BEAUVOIR *apud* BINGEMER, 2007.

BINGEMER; BARTHOLO JR, 1997.

BINGEMAR, Maria Clara Lucchetti e PUENTE, Fernando Rey - *Simone Weil e a filosofia*- Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio. Loyola, 2011.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti, 1949 – *Simone Weil: a força e a fraqueza do amor*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

BITTAR, E. C. Bianca. *Curso de Filosofia do Direito* / Eduardo C. B. Bittar, Guilherme Assis de Almeida. – 10ª ed. – São Paulo: Atlas, 2012.

BOSI, Ecléa. *Simone Weil – A Razão dos Vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BOSI, Ecléa. *Simone Weil – A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Disponível em: <https://verticalehorizontal.wordpress.com/2014/06/10/simone-weil/>. Acessado em: 30/03/2018.

BOSI, Ecléa. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão - Simone Weil*; tradução de Therezinha G. G. Langlada; seleção e apresentação de Ecléa Bosi. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MARTINS, A. A. *A pobreza e a graça: experiência de Deus em meio ao sofrimento em Simone Weil*. São Paulo: Paulus, 2013.

PÉTREMENT, Simone. *La vie de Simone Weil*. Paris: Fayard, 1978.

_____. *A gravidade e a graça*. Trad.de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1993 (Coleção Tópicos).

RABENHORST, Eduardo. Simone Weil. <https://www.youtube.com/watch?v=colsC1qx0Lc>. Data de acesso: 29.08.2018.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou Da Educação*; tradução Roberto Leal Ferreira. – 4ª ed.- São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2014, (Paideia).

WEIL, Simone. *Atteinte de Dieu*. Paris: La Colombe, 1950.

WEIL, Simone, *Carta a um religioso / Simone Weil*; tradução de Monica Stahel. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

WEIL, Simone. *Espera de Deus*: São Paulo: ECE, 1987.

WEIL, Simone. *La condition ouvrière*. Paris: Gallimard, 1951.

WEIL, Simone, 1909-1943. Tradução: Marina Appenzeller. – Campinas, São Paulo: Papyrus, 1991.

ANEXOS

1. OBRAS DE SIMONE WEIL

- (i) A condição operária e outros escritos sobre a opressão.
- (ii) A gravidade e a graça
- (iii) Espera de Deus
- (iv) Pensamentos desordenados acerca do amor de Deus
- (v) Aulas de Filosofia
- (vi) O enraizamento
- (vii) Opressão e Liberdade
- (viii) A fonte grega
- (ix) Reflexões sobre as causas da liberdade e da opressão social
- (x) A Força e a Fraqueza do Amor

Obras de Simone Weil em Português

- WEIL, Simone. *A condição operária e outros escritos sobre a opressão*. Org. por Ecléa Bosi. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- WEIL, Simone. *A gravidade e a graça*. São Paulo: ECE, 1986. Nova tradução: São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- WEIL, Simone. *Espera de Deus*. São Paulo: ECE, 1987. Edição Portuguesa: Lisboa: Assírio & Alvim, 2005.
- WEIL, Simone. *Pensamentos desordenados acerca do amor de Deus*. São Paulo: ECE, 1991.
- WEIL, Simone. *Aulas de Filosofia*. Campinas: Papyrus, 1991.
- WEIL, Simone. *O Enraizamento*. São Paulo: EDUSC, 2001.
- WEIL, Simone. *Opressão e Liberdade*. São Paulo: EDUSC, 2001.
- WEIL, Simone. *A fonte grega*. Lisboa: Ed. Cotovia, 2006.
- WEIL, Simone. *Pela supressão dos partidos políticos*. Veneza: Editora Âyiné. 2016.
-

Obras de Simone Weil em Francês

Plano da edição das “Oeuvres Complètes” de Simone Weil (Éditions Gallimard, Paris. Edição prevista em VII tomos e 15 volumes)

Tomos já integralmente publicados: I, II, IV e VI.

- *Tome I: Premiers écrits philosophiques.*
- *Tome II: Écrits historiques et politiques.*
 - *Volume 1: L'engagement syndical (1927-1934).*
 - *Volume 2: La condition ouvrière (1934-1937).*
 - *Volume 3: Vers la guerre (1937-1940).*
- *Tome III: Poèmes et Venise sauvée.*
- *Tome IV: Écrits de Marseille.*
 - *Volume 1: Philosophie, science, religion.*
 - *Volume 2: Les civilisations inspiratrices: la Grèce, l'Inde et l'Occitanie.*
- *Tome V: Écrits de New York et de Londres.*
 - *Volume 1: Questions politiques et religieuses.*
 - *Volume 2: L'Enracinement.*
- *Tome VI: Cahiers – volumes 1-4.*
- *Tome VII: Correspondance.*
 - *Volume 1: Correspondance familiale.*
 - *Volume 2 et 3: Correspondance générale.*
-

Obras nas éditions Gallimard, Collection Espoir, Paris (alguns títulos disponíveis na Collection Idées)

- *La connaissance surnaturelle.* 1950.

- *Lettre à un religieux*. 1951.
- *La condition ouvrière*. 1951.
- *La source grecque*. 1953.
- *Oppression et liberté*. 1955.
- *Écrits de Londres et dernières lettres*. 1957.
- *Écrits historiques et politiques*. 1960.
- *Pensées sans ordre concernant l'amour de Dieu*. 1962.
- *Poèmes, suivis de Venise sauvée*. 1968.
- *Sur la Science*. 1966.

Obras nas éditions Plon, Paris

- *La pesanteur et la grâce*. Ed. Por Gustave Thibon, 1949.
- *Cahiers*, Tome I, 1951; Tome II, 1953; Tome III, 1956.
- *Leçons de Philosophie*. 1959, 1989.

Obras nas éditions La Colombe e Fayard, Paris

- *Intuitions pré-chrétiennes*. La Colombe, 1951; Fayard, 1985.
- *Attente de Dieu*. La Colombe, 1949; Fayard, 1966.

Reedições na editora Gallimard, Paris

Oeuvres Complètes. Edição sob direção de A. Devaux e F. de Lussy:

- *Tome I, Premiers écrits philosophiques*. 1988.
- Weil, Simone Adolphine (1988), *Oeuvres Complètes, tome II, Écrits historiques et politiques* [*Obras completas, tomo 2*] (em francês), 1. L'engagement syndical (1927 – juillet 1934), Paris: Gallimard; v. 2, 1989; v. 3, 1991.
- *Tome VI, Cahiers*. v. 1, 1994; v. 2, 1997; v. 3, 2002; v. IV, 2006.
- *Tome IV, Écrits de Marseille*. v. 1, 2008; v. 2, 2009.
- *Oeuvres*. Edição sob direção de F. de Lussy, 1999.